

MENSAGEM
70 (SETENTA) ANOS
DE SUZANA NICOLAU INGLÊS

Nota Prévia:

Depois da intervenção de tão ilustre(s) mais velhos, pouca margem de manobra nos resta, pois tivemos que nos precaver com um “Plano Z” (...).

INTRODUÇÃO

Bendito seja o Altíssimo, que permitiu a nossa presença aqui.

- Predilecta aniversariante;
- Queridos manos, sobrinhos, netos, parentes e amigos;
- Ilustres convidados.

Honra seja dada à n/ aniversariante, que sempre se identificou com inicial maiúscula, como irmã, mulher e esposa, mãe, tia e avó (e à semelhança da sua progenitora), cabe à mesma os atributos de: *amorosa, educadora, dedicada, paciente, exemplar e conselheira* excelente nas ambiguidades.

Em suma: a aniversariante, é a reserva moral da nossa humilde, mas Honrada família.

Então, agradecemos a vossa melhor atenção para o pequeno retrato que passamos a apresentar:

I – APRESENTAÇÃO:

A menina que nasceu, aos 8 de Junho de 1948, em terras do Município de Ambaca, Camabatela, Província de Kwanza-Norte, foi baptizada e registada com o nome completo de **Suzana António da Conceição Nicolau** (posteriormente, acrescido o apelido “*Inglês*”, pelo casamento, na mesma localidade, já em Agosto de 1971).

Finalmente, por economia (menos apertada) das palavras, é reconhecida por **Suzana Nicolau Inglês** ou simplesmente (mais abreviado, ainda) por **Suzana Inglês**.

Para os Manos, familiares e entidades próximas, é a nossa:

- Mana Suzana (“xchará” da tia-avó do n/ querido pai);
- Capuchinha (referida pelos padres da Ordem dos Capuchinhos, por ter nascido no dia em que os mesmos chegaram à localidade de Camabatela/Ambaca);
- Mana Chinha (diminutivo de Capuchinha, nome de mimo!);
- Acresce-se, ainda, no meio familiar, o cognome de “Suzana Njinga” (pois, livrou-nos do cativo nos anos idos de 1976, quando tudo estava pronto para sermos “degolados”!). Essa “bravura” se mantém até aos nossos dias, pois, como Matriarca da Família alargada, não deixa os seus para “contas alheias”!

II - PASSAGEM DE TESTEMUNHO:

A aniversariante é a nossa amostra completa de uma biblioteca viva. Os tempos passaram e vão passando, e as estórias vão morrendo com os próprios protagonistas. Desleixo dos que partem ou desinteresse dos que ficam? Eis a questão !!!

As estórias que os “mais velhos” contavam deixaram de ser contadas, porque uns já não fazem parte do mundo dos vivos; e os poucos que ficaram ou estão no “desconhecido” ou não se lhes tem dado a devida importância. Os “continuadores” deixaram-se levar na onda do “**modernismo**” ou estão muito ocupados a acompanhar o “progresso” e não tiveram o tempo suficiente para absorver as “estóriaszinhas” da mamã, da tití ou da avozinha, pelo que se remeteram ao completo silêncio ou se escusam a conversar sobre o assunto.

Na vã tentativa de recolher e dar a conhecer alguns depoimentos relacionados com as nossas famílias arriscamo-nos, em pequenas “aventuras” escritas, pôr ao conhecimento de todos o pouco que ouvimos e que temos vindo a partilhar com os demais, sedentes em saber mais sobre as nossas “raízes” ou pelo menos servir como ponto de partida para os vindouros, caso não consigamos apanhar o fio à meada. (...)

Esta actividade reflecte, também, uma singela contribuição à “**história e costumes de família**”, reconhecendo que a tentativa de abordagem de assuntos como estes não são fáceis de serem resumidos em breves palavras. «*A vida é curta e o “prazer” ilimitado: ninguém tem tempo para tudo. Na prática somos forçados a escolher entre uma exposição breve e a impossibilidade de expor. Abreviar é um mal necessário, e a tarefa daquele que abrevia é fazer da melhor maneira um trabalho que, até pode não ser do seu “gosto-prazer”, é ainda melhor do que nada. Tem de aprender a simplificar, mas sem ir até ao ponto de falsificar. Deve aprender a concentrar-se sobre o essencial de uma situação, mas sem ignorar demasiado muitos aspectos significativos da realidade. Deste modo, pode acontecer que não esteja apto a dizer toda a verdade (porque toda a verdade é incompatível com a brevidade), mas poderá dizer-se mais do que as meias-verdades ou outras-partes da verdade que têm sido sempre a moeda de troca*», pois a verdade-verdadeira é, e foi sempre, relativa.

Assim, aos mais jovens, transmitimos que “**Não nos preocupa o que há, mas o que há-de ficar**”.

Finalmente, à nossa **Aniversariante**, que encanta e também canta, desejamos muitas felicidades e que vá para além dos cento e tais tempos de chuva! E que **Deus, Todo-Poderoso**, abençoe as nossas Famílias!

A todos os presentes, O NOSSO MUITO OBRIGADO!

O APONTADOR,

TONY (Faria) NICOLAU
(PSFN/ Aprendiz de Contador de Estórias)
CONTACTO: 923 344 283

Luanda, 9 de Junho de 2018